

**CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA  
A CINEMATRECA COM O WOMEX LISBOA 2022  
20 de Outubro de 2022**

**ESTA VIDA Y LA OTRA / 2021**

*Um filme de Luis Rojas*

Realização, Argumento e Fotografia: Luis Rojas / Som: Sergio Castrillón e Natália Castrillón / Montagem: Luis Rojas e Arturo Roa / Com: Natália e Sergio Castrillón

Produtores: Arturo Roa e Luis Rojas / Cópia digital, colorida, falada em espanhol com legendas em inglês e legendagem electrónica em português / Duração: 9 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

**POUR DE VRAI / 2021**

*Um filme de Ugo Mangin*

Realização e Fotografia: Ugo Mangin / Som: Thomas Desjonqueres / Montagem: Geraldine Mangelot / Com: Ichon.

Produção: Birth / Produtor: Hugo Legrand-Nathan / Cópia digital, colorida, falada em francês com legendas em inglês e legendagem electrónica em português / Duração: 52 minutos / Inédito comercialmente em Portugal.

\*\*\*

Sessão com apresentação.

\*\*\*

Em **Esta Vida y la Otra** conhecemos o par de irmãos colombianos Sergio e Natalia Castrillón, que têm levado as sonoridades oriundas do seu país natal para a música que fazem na cidade em que se basearam, aliás uma cidade bem longe da Colômbia, geográfica e culturalmente (nada menos que a capital finlandesa, Helsínquia). Muito curto, ou demasiado curto para poder ser algo mais, o filme de Luis Rojas é uma apresentação dos músicos, colocando-os em planos evocativos na natureza colombiana, e deixando as suas considerações para o espaço do “off” sonoro, de uma forma que indicia, em certos momentos, que Rojas será um admirador de Terence Malick.

**Pour de Vrai** tem um fôlego diferente, ao acompanhar o “rapper” francês Ichon durante a preparação de um álbum onde, aparentemente, se deslocou para registos musicais um pouco distanciados do género que lhe tinha dado notoriedade – e são mesmo algumas das melhores cenas, aquelas em que Ichon e o seu colaborador (instrumentista,

produtor?) discutem justamente sobre o “desconforto” de um território musical que o cantor ainda não experimentou mas cuja estranheza ou falta de traquejo não quer mascarar à custa de “Autotuners” e outros dispositivos de “aperfeiçoamento” (daí que Ichon repita a expressão “pour de vrai”, “a sério”, como um mantra, que aliás dá título tanto ao filme como ao disco). O filme de Ugo Mangin, realizador experimentado na publicidade e no videoclip, procura uma linha que não está teoricamente muito distante de alguns eixos do documentário moderno, evitando a condução pela voz “off” ou por legendas explicativas tanto quanto o esquema das entrevistas filmadas, e concentrando-se em pedaços da vida de Ichon durante o trabalho no disco: a preparação, os ensaios, as gravações, a sua vida doméstica (ficamos com vontade, porque o filme explora pouco isso, de maior profundidade no tratamento da vida familiar de Ichon, para além dos breves diálogos com a mãe). É um filme interessante sobre o trabalho da música, e especificamente sobre o trabalho deste músico, mas também acaba por sofrer com a brevidade (pouco menos de uma hora): um pouco mais de “corpo”, quer dizer, de tempo, não lhe faria mal nenhum e evitaria o aspecto resumido que, no fim de contas, patenteia.

Luís Miguel Oliveira